INDISCIPLINA, INCIVILIDADE E VIOLÊNCIA NA ESCOLA: CAUSAS, CONCEITOS E POSSIBILIDADES DE ENFRENTAMENTO[1]

Sônia Regina de Moura Jorge[2]

Maria das Graças do Espírito Santo Tigre[3]

Resumo

Este trabalho propõe analisar as condições e prováveis causas de indisciplina e incivilidade observadas nas escolas, sugerindo o aprofundamento na qualidade das relações interpessoais como possibilidade de amenizar esses conflitos e melhorar o clima relacional dentro da escola. Baseado em estudos bibliográficos, procura também, discutir conceitos de *bullying* e violência e a possibilidade de uma proposta de enfrentamento aos conflitos desencadeados e vivenciados no interior da escola, para que esta não perca a sua função de promover a aprendizagem.

Palavras-chave: Indisciplina. Incivilidade. Violência. Conflitos. Relações interpessoais.

Abstract

This paper aims at analyzing the conditions and probable cause of indiscipline and incivility observed in schools, suggesting a deepening in the quality of interpersonal relationships and ability to mitigate these conflicts and improve the climate within the relational school. Based on studies bibliographic, demand also discuss concepts of bullying and violence and the possibility of a proposal for coping with conflicts triggered and experienced inside the school, so that it does not lose its function to promote learning.

Keywords: Indiscipline. Incivility. Violence. Conflict. Interpersonal relationships.

---

[1] Artigo elaborado e apresentado como uma das atividades de conclusão do PDE.

[2] Autora do trabalho. Professora PDE 2007. Pedagoga. Professora de Fundamentos da Educação. Especialista em Administração, Orientação e Supervisão Escolar.

[3] Mestre em Educação; professora de Didática da UEPG; orientadora do trabalho.

INTRODUÇÃO

O presente artigo destina-se à reflexão e análise dos aspectos que envolvem questões relacionadas à indisciplina e incivilidades que se desenvolvem no interior da escola, constituindo-se em uma das atividades previstas no Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, do Estado do Paraná. No decorrer da participação no referido programa trabalhou-se com questões relacionadas à indisciplina, incivilidade, *bullying* e violência, com o objetivo principal de mobilizar a escola para o problema, fornecendo subsídios que possibilitassem a compreensão e identificação dos mesmos pelos professores, pedagogos e diretores.

Inicialmente pretendia-se direcionar os estudos apenas aos aspectos relacionados à indisciplina e à incivilidade, porém, frente aos acontecimentos ligados à violência escolar que se observam no mundo todo, os estudos estenderam-se para esse aspecto. A preocupação com a questão da violência escolar ocupa lugar de destaque para todos aqueles envolvidos com a educação, caracterizando-se como um dos Desafios Educacionais Contemporâneos, estabelecidos pela Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná. Por isso a importância e a necessidade de discutir o assunto nas escolas, de forma a adquirir e aprofundar conhecimentos sobre o tema, preparando-se para o seu enfrentamento e mediação.

Este artigo procura desenvolver o tema proposto em quatro seções assim estabelecidas: Seção 1) P*rimeiras abordagens* – análise e reflexões sobre o aumento da indisciplina nas escolas. Seção 2) Q*uando a indisciplina passa a ser violência* – apresentação de conceitos relacionados ao tema. Seção 3) *Proposta de intervenção* – reflexão sobre o clima escolar e possibilidades de melhorá-lo sob a perspectiva da autora Isabel Fernández[4]. Seção 4) A*nálise da atividade de implementação ocorrida na escola* – síntese de questões levantadas nos encontros de implementação[5]. Nas *Considerações finais* apresentam-se algumas reflexões sobre o tema e trabalho desenvolvido.

Inicia-se este artigo estabelecendo uma análise sobre as questões de indisciplina vivenciadas na escola e que têm se intensificado com o decorrer dos anos.

1. Primeiras abordagens

[4] FERNÁNDEZ, Isabel. Modelo de Intervenção. IN: Prevenção da violência e solução de conflitos: o clima escolar como fator de qualidade. São Paulo: Madras, 2005.

[5] Atividade prevista em cronograma do PDE, para ser executada pelo professor participante.

É possível perceber desde a metade da década de 90, que aumentou o nível de angústias e cansaços emocionais entre os professores. Esse crescimento ocorre na proporção direta ao crescimento da chamada *indisciplina* nas escolas. Observa-se um verdadeiro embate entre as frustrações e descontentamentos no âmbito escolar. E isso, não pode ser analisado sob um aspecto unilateral, demonstrado por apenas um segmento escolar. O que se percebe é que, se por um lado os professores têm suas razões para se mostrarem insatisfeitos, por outro lado os alunos também têm seus motivos (que nem sempre são apresentados da maneira mais correta) para agirem desta ou daquela maneira. O resultado desse antagonismo pode ser percebido através do desinteresse de muitos alunos em aprender e desenvolver suas potencialidades, nas situações de "bagunça generalizada" dentro e fora da sala de aula e no conseqüente desgaste do professor e até mesmo da equipe pedagógica e da direção.

Este, com certeza, não é um problema vivenciado por uma ou outra escola e sim, pela grande maioria. Por esse motivo, faz-se mais que necessário desenvolver uma profunda análise e reflexão sobre o assunto, procurando responder alguns questionamentos: O que gera todas essas insatisfações? O que se entende por "indisciplina"? O que se entende por "incivilidade"? Qual é a expectativa do professor em relação ao aluno e deste em relação ao professor?

Um dos problemas mais complexos vivenciados pela escola – a indisciplina – tem se caracterizado como fonte profunda de estresse nas relações interpessoais, especificamente ao associar-se a situações de conflito no interior da sala de aula. A indisciplina gera, ainda, dificuldades para o desenvolvimento da aprendizagem.

Diante dessa preocupação, é de grande importância discutir o assunto com os segmentos da comunidade escolar, analisando os índices e as possíveis causas das diversas situações de indisciplina e/ou incivilidade ocorridas no interior da escola. Para isso é necessário elucidar os conceitos de indisciplina e incivilidade, para que os mesmos sejam reconhecidos e trabalhados de acordo com os aspectos que os constituem, estendendo esses conceitos e discussão, também, para as questões relacionadas à violência escolar, pois a cada dia parece que os tênues limites entre o que se julga indisciplina e o que caracteriza a violência são cada vez mais invisíveis.

Mas, afinal,o que é indisciplina? O que a caracteriza como tal?

Ao mesmo tempo em que é necessário e importante conceituá-la para melhor compreendê-la e buscar alternativas para combatê-la, isso se mostra uma tarefa

complexa, pois é difícil estabelecer um conceito de indisciplina escolar, visto esta não se caracterizar como um fenômeno estático, que conserva suas características com o passar do tempo. Ao contrário, o que se observa é que as nuances da indisciplina escolar vêm se modificando ao longo dos anos. Hoje está bem diferente daquela que ocorria há algum tempo atrás. As expressões e o caráter da indisciplina apresentam mudanças (AQUINO, 1996b). Assim, a indisciplina escolar apresenta diferentes expressões atualmente; tornou-se mais complexa e "criativa". "Para os professores, parece ficar cada vez mais difícil de equacionar e resolver o problema de um modo efetivo" (GARCIA, 1999, p.103).

Ainda tecendo esta análise no ambiente escolar, é possível observar sob outra ótica o termo indisciplina. Para os professores, em alguns momentos, a indisciplina é entendida como um conjunto de determinadas contrariedades no cotidiano de suas práticas pedagógicas, resultantes de rupturas efetuadas por alunos, tanto em relação aos acordos formais da escola (particularmente na sala de aula), quanto no que diz respeito às expectativas sobre a conduta na escola. Por exemplo, desordens, ofensas verbais, atitudes de grosseria, enfim, aquilo que se caracteriza de forma geral, como "falta de respeito". O teórico francês Bernard Charlot denomina esse tipo de "indisciplina", como incivilidade. De acordo com a caracterização proposta por Charlot (2002, p. 437), as incivilidades se referem a condutas que se contrapõem às regras da boa convivência.

Garcia (2006, p.4) afirma que:

> As incivilidades englobam comportamentos desafiantes que rompem regras e esquemas da vida social, sejam tácitos ou explicitados contratos sociais. Mas as chamadas incivilidades não rompem, necessariamente, com acordos, regras e esquemas pedagógicos. Antes, rompem com expectativas do que pode estar tacitamente esperado como boa conduta social. Destaca-se entre as incivilidades reportadas nas queixas usuais dos professores, a falta de respeito". Essa alegação, em particular, sugere a ocorrência em sala de aula, de práticas de incivilidade na forma de insensibilidade aos direitos de cada um de ser respeitado como pessoa.

É clara a preocupação que esse assunto desperta em vários pesquisadores. A necessidade de compreender o panorama atual, para procurar caminhos e saídas frente aos problemas vivenciados, aumenta continuamente. Para isso, é importante analisar conceitos e refletir sobre o momento em que os problemas de indisciplina se intensificaram até chegarem ao que se observa atualmente.

De acordo com Tiba (1996, p.99):

> A disciplina escolar é um conjunto de regras que devem ser obedecidas para o êxito do aprendizado escolar. Portanto, ela é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, conseqüentemente, na escola. Como em qualquer relacionamento humano, na disciplina, é preciso levar em conta as características de cada um dos envolvidos: *professor, aluno e ambiente*.

Consultando o dicionário, encontramos que *disciplina*[6] é uma palavra que tem a mesma etimologia da palavra "discípulo", que significa "aquele que segue". A palavra "disciplina" deriva-se de "discípulo" e tanto uma quanto outra palavra, têm origem do termo latino para pupilo que, por sua vez, significa instruir, educar, treinar, dando idéia de modelagem total de caráter. Assim, a palavra disciplina é utilizada para indicar, em educação, a disposição dos alunos em seguir os ensinamentos e as regras de comportamento.

Através dessas considerações iniciais, é possível abordar o assunto que tanto preocupa e principalmente, incomoda, professores, pedagogos, diretores e pais: a indisciplina escolar.

Se, por disciplina escolar entende-se a obediência a ensinamentos, regras e normas de conduta dentro da escola, então, de uma forma simples neste momento, pode-se dizer que o que vai contra a essa obediência, seria classificado como indisciplina.

Porém, é imprescindível que se estabeleça uma análise criteriosa sobre o assunto. Não se pode falar de indisicplina sem se referir à questão dos limites. Muitos educadores e pais, costumam indagar com freqüência, como as coisas chegaram ao ponto em que estão agora, quando se presencia inúmeras situações de indisciplina, as quais muitas vezes trazem como resultado, a violência.

Depara-se, muitas vezes, com filhos respondendo mal a seus pais, alunos não respeitando seus professores e vice-versa, caracterizando um crescimento da indisciplina que vem a prejudicar o ensino e a aprendizagem, porque afeta diretamente a convivência. Assim como os pais, em casa, na escola, muitas vezes, os professores e pedagogos não conseguem estabelecer limites na sala de aula, não sabendo mesmo como agir diante dos comportamentos apresentados no interior da escola. Então, surge a indagação: onde a escola, os educadores e, principalmente, onde os pais se perderam?

---

[6] HTTP://pt.wikipedia.org/wiki/Disciplina

Tiba (p.11-12, 1999) afirma que "...é preciso levar em conta que essa geração viveu a questão da disciplina de um modo peculiar e sofrido". Ele refere-se a três gerações, em que a que chama de primeira geração é a dos avós, a segunda, dos pais e professores e a terceira, é a geração dos jovens (alunos). Ele acrescenta que:

> (...) a primeira educou seus filhos de maneira patriarcal, com a autoridade vertical, isto é, o pai no ápice da linha e os filhos na base dela. A base era obrigada a cumprir tudo o que o ápice determinava. Com isso, a segunda geração foi massacrada pelo autoritarismo dos pais. E decidiu refutar esse sistema educacional na educação dos filhos. Na tentativa de proporcionar a eles o que nunca tiveram, os pais da segunda geração acabaram caindo no extremo oposto da primeira: a *permissividade*.

Dessa forma, com auxílio da psicologia e frases de efeito motivando a não reprimirem os filhos, a serem amigos dos filhos, a proporcionarem a liberdade aos filhos, muitos pais aderiram a um modelo horizontal de educação, onde todos têm os mesmos direitos, evitando o uso da autoridade por confundi-la com autoritarismo.

A conseqüência foi que a terceira geração ficou sem noção de padrões de comportamentos e limites, agindo como "príncipes" e "princesas", podendo fazer e dizer o que bem entendessem, usando e abusando da liberdade, com muito mais direitos do que deveres e responsabilidades e com a noção egocêntrica de ter muito mais a receber do que dar ou retribuir.

Porém, esquecem-se de nem sempre as regras válidas para dentro de casa, também o são na sociedade. A escola, que tem a tarefa de trabalhar essas normas com seus alunos, muitas vezes se omite, preferindo cobrá-las antes de trabalhá-las e encolhendo-se diante dos problemas surgidos, recusando-se a fazer a sua parte, até por achar que "educação vem de casa". Essa é uma visão um tanto quanto distorcida. É óbvio que a educação deve começar nas casas, mas é importante lembrar-se que ela se solidifica em todos os ambientes em que a criança, o adolescente, o jovem freqüentam; e, onde se passa uma grande parte do dia, ou até mesmo, da vida, é na escola; portanto, a escola precisa educar, sim; precisa fazer a sua parte.

Por outro lado, muitos professores acabaram perdendo a autoridade inerente à sua função, até mesmo em conseqüência de lacunas em sua formação.

E aí está o panorama que se presencia atualmente. Se, em casa, quando se convive com um ou dois adolescentes, muitas vezes os pais não conseguem

administrar as diversas situações de conflito, numa sala de aula, com 40 alunos, de diversos padrões de comportamento, tudo torna-se mais complicado. O que fazer para superar esses conflitos e, por outro lado, não sair deles ainda mais desgastado?

Num primeiro momento, a vontade é tratar o problema aos gritos e ameaças, como forma de fazer valer a autoridade. Mas, o que se percebe, é que, por exemplo, numa situação de algazarra, brigas, ofensas e agressões físicas, os gritos e as ameaças têm efeito imediato; porém, mal o professor, pedagogo, ou diretor vira as costas, tudo recomeça e, na maioria das vezes, intensificado.

Talvez, o primeiro caminho a ser tentado, deva ser o do diálogo; aqui não se propõe ser “bonzinho”, permissivo, “deixar acontecer para não se envolver”, ou nem mesmo “se queimar” com os alunos. Pelo contrário, trata-se do diálogo sério, “olho no olho”, em que os alunos também são ouvidos e levados a perceber a necessidade de serem responsáveis. É a questão de estabelecer limites, negociar a melhor maneira de alcançar os objetivos a que se propõem, perceber-se como integrantes de um grupo organizado, onde cada um tem seu espaço, seus direitos e seus deveres, e também tem a responsabilidade de respeitar os limites desse espaço para não prejudicar o espaço do outro. É o momento de entender que o papel de “príncipe” e “princesa” não pode ser adotado; não tem vez nesse local. Pode-se dizer que é necessário ensinar os alunos a ter disciplina. E, para isso, é imprescindível que se entenda o que significa ter disciplina, o que significa ser indisciplinado.

Observa-se que esses conceitos variam de acordo com o perfil do professor, com a meotodologia que está sendo empregada e, também, com a situação vivenciada.

Às vezes, não se diferencia o estudante indisciplinado daquele que enfrenta alguma dificuldade de natureza interna ou externa à escola; há crianças e adolescentes que não conseguem ficar calados por muito tempo, há as situações de transtornos de comportamentos e hiperatividade; há os problemas particulares interferindo na vida de cada um. É preciso que se conheça os alunos para definir a forma com que se irá trabalhar com eles. É imprescindível esse “olhar a mais” para os alunos, assim como é necessário avaliar o conjunto todo: o espaço físico (que nem sempre é adequado e não pode ser mudado), a receptividade dos alunos às aulas e ao professor, as metodologias utilizadas, os conteúdos trabalhados e também, as relações interpessoais. Como está se desenvolvendo o relacionamento

professor-aluno, aluno-aluno, tanto dentro da sala de aula, quanto na escola como um todo.

É possível se perceber, quase que em todas as escolas, que alguns (pouquíssimos, na verdade!) professores conseguem trabalhar bem suas aulas, não enfrentando os problemas de indisciplina que os outros vivenciam. O que será que os tornam "diferentes"? Será que em suas aulas não estão presentes os conflitos? Percebe-se que, analisando apenas superficialmente essa questão, perguntando para os alunos o que há com esses professores que os torna diferentes, as respostas são sempre as mesmas: "*a aula é legal, a gente aprende sem nem perceber*"; ou "*a matéria é chata, mas a professora é muito legal e ensina de um jeito diferente*"; ou ainda, "*a professora é muito exigente, cobra bastante da gente, mas ensina muito bem, nem dá vontade que a aula acabe e é nossa amiga, fala com a gente e escuta o que falamos*".

Pode-se, então, concluir que a postura do professor em sala de aula, a forma como olha *para* e se relaciona *com* seus alunos é o diferencial; com certeza, esse professor também vivencia conflitos em suas aulas, mas faz a mediação desses conflitos de forma a destacar o aspecto positivo dos mesmos; sim, todo conflito é positivo se for encarado como forma de insatisfação a alguma coisa que precisa ser mudada ou melhorada. Por isso, eles sempres estarão presentes, resolve-se um conflito e logo surge outro; isso é próprio da dinamicidade que deve permear a sala de aula e os ambientes de convivência, de modo geral.

Outro fator de fundamental importância é a escolha da metodologia a ser empregada; o que se ensina, precisa fazer sentido para quem aprende. Todas essas questões são fortes indicadores da importância das relações interpessoais para amenizar os problemas de indisciplina. Quando se envolve com o ato de ensinar, pensando nas pessoas que irão aprender, é lógico que se busca sentido para este ensinamento e aprendizagem; e isso, não é um processo mecânico, onde o aspecto humano não deva ser considerado. Muito pelo contrário, quando se valoriza o aspecto humano, desenvolve-se um trabalho onde se mostra a realização pessoal de fazê-lo, a alegria está presente; e alegria é algo essencialmente humano, que vem do interior das pessoas e que se pode espalhar pelo ambiente. Que não se entenda aqui alegria como estar sempre rindo, mas o ensinar com entusiasmo, acreditando-se naquilo que se ensina e também na questão da auto-estima; quem se gosta é capaz de gostar do outro, de respeitá-lo, de dar exemplos, de estabelecer vínculos e, também, limites de convivência.

Paulo Freire, na sua Pedagogia da autonomia (1997, p.67) fala da “boniteza de ser gente”, da boniteza de ser professor e afirma que: “ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”. Ao tecer-se essas considerações, não se pretende afirmar que tudo é fácil e que os problemas serão todos resolvidos rapidamente, sem mais nem menos. Pelo contrário, quando se utiliza a expressão “amenizar” os problemas de indisciplina em vez de “superar”, “resolver”, isso significa que as questões de “indisciplina” sempre farão parte da escola, pois os conflitos decorrentes de questionamentos sempre irão existir; pode-se dizer até que, felizmente sempre irão existir, caso contrário, a escola estaria produzindo gerações de seres passivos, que sempre concordam com tudo.

No início dessa fundamentação, citou-se a questão do excesso de rigidez de uma geração e de liberdade e falta de limites de outra, como uma forma de se entender porque as questões de indisciplina se intensificaram tanto nas escolas. Em seguida, mencionou-se posturas do professor, pode-se dizer até que oriundas de sua formação profissional e, também, pessoal, frente ao problema. Evidenciou-se ainda, a importância e necessidade das relações interpessoais para se tentar equilibrar essa situação.

Não se trata, porém, de apontar culpados ou vilões para os problemas de indisciplina e de incivilidade na escola, mas de examinar panoramas que se fazem presentes no cotidiano educacional, para se procurar meios de enfrentá-los.

Nessa procura de subsídios para enfrentar os conflitos que se apresentam, é necessário conhecer em que categoria se inserem. Tem-se citado, juntamente com a indisciplina, o vocábulo incivilidade. Este é um termo pouco conhecido mas que precisa ser compreendido. Garcia (2006,p. 5) afirma que:

> As incivilidades são rupturas das regras e expectativas tácitas de convivência, dos pactos sociais que perpassam as relações humanas e cujo sentido muitas vezes supomos seja de domínio público desde a infância. Assim, a conduta incivilizada é criticada pelos professores como ausência da influência educativa da família, por suposta responsável pela socialização primária dos seus filhos e pela sua formação nos esquemas básicos de civilidade. Assim, a queixa comum entre muitos professores sobre alunos que vêm à escola “sem limites” trazidos de casa, poderia ser traduzida como uma queixa sobre a usência de padrões culturais básicos de civilidade derivados de alguma lacuna formativa devido à família.

Retoma-se aqui, a idéia inicial do papel da família na falta de limites de seus filhos e na conseqüência disto para a escola e para a prendizagem.

Mais uma vez fica evidente a necessidade do diálogo, do exemplo, para eliminar alguns desses conflitos. Novamente se sugere o aprofundamento das relações interpessoais como forma de contribuição nesse sentido. Mas, como essas relações se processam no interior da escola?

De forma poética, pode-se dizer que esta é uma “delicada conquista”. De fato, não é um tipo de coisa que acontece ao acaso, ou que se impõe, nem que depende somente da vontade de uma pessoa; estabelecer relações interpessoais dentro de um grupo é, na verdade, uma conquista, algo que precisa ser cultivado através do diálogo, do entendimento e do respeito. Só é preciso lembrar que para se “cobrar” respeito de outro, é necessário demonstrar esse respeito; a delicadeza deve fazer parte do cotidiano ao mesmo tempo em que se deve ter firmeza nas ações. Esse é um contínuo movimento de ir e vir.

Às vezes, percebe-se uma certa unilateralidade nas ações; quer dizer, cobra-se uma atitude de alguém, e em contrapartida oferece-se outra totalmente em desacordo com a que se cobrou. Por exemplo, pede-se que não haja gritos, mas a pessoa que faz o pedido grita o tempo todo. Isso desqualifica as relações, porque demonstra que aquilo que se está cobrando não deve ser bom, visto que não está sendo praticado por que cobra. Levando essa questão para a escola, pode-se observar que os alunos têm uma expectativa da escola e do professor, às vezes até antagônica, porque esperam divertir-se na escola, mas ao mesmo tempo esperam que alguém lhes dê limites. Dessa forma, costumam testar o professor, com atitudes de rebeldia e indisciplina, para conhecer com quem estão lidando. Por sua vez, o professor idealiza uma clase com alunos que estão muito interessados em estudar e aprender o que lhes é oferecido, onde todos são muito corteses e educados e que aprenderão tudo que lhes for ensinado, de maneira e em tempos iguais. O choque da realidade causa intensa frustração tanto a uns quanto a outros.

Analisando uma pesquisa desenvolvida na França pelo sociólogo Dubet, Aquino (2003, p.56) cita o seguinte:

> (...) é preciso reconhecer, conforme Dubet, o fato de que os programas escolares franceses (o que, em alguma medida, assemelha-se ao caso brasileiro) são deveras ambiciosos, visto que têm como alvo um aluno muito acima da média, que estuda incansavelmente e que, portanto, não existe em termos empíricos – causando um nítido descompasso entre o ideário pedagógico e os alunos concretos e, além disso, colocando-os em situação de fracasso iminente.

Ele continua:

> ...basta-nos rever o fato de que a escola democrática parece estar crivada por um incômodo paradoxo: destina-se de modo igualitário a alunos heterogêneos, com desempenhos desiguais e, em alguns casos, com resultados aquém do mínimo esperado. (...) Resta-nos, contudo, vislumbrar cenários pedagógicos arrojados, que tomem a diversidade humana e social de seus protagonistas não como impedimento ou complicador do ideário democrático escolar, mas como uma marca do acontecimento escolar na atualidade. (ibid., p.57 e 58)

Essas afirmações levam a refletir sobre o exposto anteriormente, a respeito das expectativas e perfis idealizados. É preciso considerar a clientela escolar atual, com todas as suas características e contradições: há uma grande diversidade social, cultural, econômica convivendo nos mesmos espaços; retoma-se aqui a questão dos valores tratados inicialmente; o perfil de família mudou, muitos papéis se inverteram; a inserção da mulher no mercado de trabalho teve um efeito gigantesco sobre essas questões, visto que a mãe sempre foi considerada a responsável pela educação e formação dos filhos. Muitas crianças e adolescentes, não têm que lhes cobre ou auxilie com as tarefas, com o seu desenvolvimento escolar e, muito provavelmente, quem lhes cobre ou ensine atitudes necessárias ao convívio humano. Então, como continuar idealizando algo que não se tornará real? É imprescindível que se trabalhe com o real; que se trabalhe com a diversidade, com a heterogeneidade. É fundamental que se vislumbrem metas possíveis para todos alcançarem, respeitando-se a caminhada de cada um.

Parece que esse é um dos caminhos para amenizar as desgastantes situações de indisciplina e incivilidade na escola: procurar um equilíbrio nas relações entre as partes, estabelecendo normas de convivência, praticando o respeito mútuo, delegando responsabilidades, definindo limites, e temperando tudo isso com uma dose de afeto, alegria e prazer pela vida e pelo que se faz.

Isso não é uma utopia; ao contrário, é uma atitude possível de ser adotada e colocada em prática, a fim de construir uma sala de aula dinâmica.

2. Quando a indisciplina passa a ser violência

Além das questões relacionadas às incivilidades e à indisciplina, a escola vivencia atualmente um grande desafio: como agir diante de um quadro de violência cada vez mais presente em seu interior? O que professores, diretores, pedagogos, funcionários, pais, devem fazer para enfrentar as questões que se apresentam cotidianamente e com muito mais freqüência do que se imaginava acontecer? É

certo que os professores não se sentem preparados para encarar tais desafios. Afinal, muito pouco se conhece sobre esses enfrentamentos. Melhor dizendo, muito pouco também se tem discutido sobre os mesmos, pois sempre pareceu que a violência era algo que acontecia apenas fora dos muros da escola. Agora, porém, é chegado o momento em que não se pode mais fechar os olhos para não ver os conflitos. Estes precisam ser encarados, estudados, analisados e entendidos, para que possam ser enfrentados. É imprescindível que se discutam as questões ligadas à violência no contexto escolar, compreendendo suas várias facetas e se procurem alternativas que propiciem o seu enfrentamento.

Durante muito tempo evitou-se usar o termo "violência" escolar. Parecia pesado demais e as questões de violência estavam sempre relacionadas aos casos de indisciplina que se faziam presentes na escola.

Nos últimos anos, mais especificamente ao final da década de 90, constata-se um grande aumento nos estudos envolvendo violência, principalmente a que ocorre dentro da escola, em virtude da relevância com que o assunto se faz presente na sociedade.

Segundo TIGRE (2007):

> Percebemos que a utilização do termo "violência" nos trabalhos mais recentes (CANDAU, 1999; NASCIMENTO, 1999; PERALVA, 1997; CARDIA, 1997; GUIMARÃES, 1996), passa a ser empregado sem nenhum receio em ser considerado pesado demais para os conflitos que a escola vem enfrentando.

Parece que, atualmente, o conceito de indisciplina foi naturalmente incorporado ao de violência. Além desses termos, outros, mais modernos, mas que se referem a antigos problemas, surgem para fazer parte desse conjunto: incivilidade e *bullying*.

Observa-se, então, a necessidade de conceituar a violência propriamente dita, bem como suas ramificações e abrangências.

Para CHAUÍ (2002):

> A violência é o uso da força física e do constrangimento psíquico para obrigar alguém a agir de modo contrário à sua natureza e ao seu ser. A violência é violação da integridade física e psíquica, da dignidade humana de alguém.

Segundo FERREIRA (1999):

> O termo "indisciplina" é relacionado intimamente ao conceito de "disciplina" e tende a ser definido pela negação ou privação desta, ou pela desordem

> proveniente da quebra de regras estabelecidas. Indisciplina refere-se, portanto, ao "procedimento, ato ou dito, contrário à disciplina". Sendo assim, indisciplinado é aquele que se "insurge contra a disciplina; rebelde; que não tem disciplina".

GOTZÉNS (2003) afirma que:

> Disciplina refere-se ao conjunto de procedimentos, normas e regras mediante os quais se mantêm a ordem na escola, e cujo valor é basicamente favorecer a consecução dos objetivos propostos ao longo do processo de ensino-aprendizagem do aluno.

Quando se procura conhecer um pouco sobre incivilidade, termo tão pouco utilizado, encontra-se que:

> Por incivilidade se entende uma grande gama de fatos indo de indelicadeza, má criação das crianças ao vandalismo, passando pela presença de vagabundos, grupos juvenis. As incivilidades mais inofensivas parecem ameaças contra a ordem estabelecida transgredindo códigos elementares da vida em sociedade, o de código de boas maneiras. Elas podem ser do barulho, sujeira, impolidez, tudo que causa desordem...(DEBARBIEUX, apud LATTERMAN, 2000, p. 37).

Em relação ao termo *bullying*, FANTE (2005) estabelece que:

> Bullying é uma palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão. Por definição universal, bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento bullying (FANTE, 2005, p. 27 – 29).

Analisando esses conceitos, percebe-se, facilmente, que os mesmos estão interligados. Às vezes, na rotina da escola, uma ou outra situação pode passar despercebida. Além disso, como já foi exposto, há uma resistência por parte da escola em admitir o termo violência, colocando todos os conflitos que ali aparecem como questões de indisciplina.

Porém, a mídia em geral vem mostrando à toda população as situações violentas ocorridas no interior de inúmeras escolas, não apenas de outros países, mas também do Brasil, e que têm se intensificado de forma alarmante. Aos poucos,

tomando conhecimentos de alunos, professores, funcionários, vítimas de agressões dentro das escolas e, muitas vezes, vítimas fatais, a comunidade escolar tem assumido que a violência está fazendo parte das escolas.

Todos concordam que a violência é um fator presente no dia-a-dia das pessoas. A escola, que faz parte desse dia-a-dia, não está imune a esse fator. Para alguns, ela é o espelho que reflete essa violência oriunda da sociedade; outros consideram que é ela – a escola – a própria fonte que gera essa violência. O fato é que diante dos acontecimentos que se têm observado nas escolas do mundo inteiro, fica claro que toda a comunidade escolar pode ser percebida como sujeitos e objetos dessa violência que se processa no interior da escola.

A escola se apresenta, para muitos alunos, como o único espaço de socialização em sua vida; diante disso, perde-se o sentido da função da escola – de trabalhar o conhecimento – destacando-se o seu papel de convivência entre amigos, de onde surgem os grupos formados pelas identificações e empatias.

As aulas nem sempre se desenvolvem de forma atraente para os alunos, que já não estão pré-dispostos a participar e, para quem, estar fora da sala de aula com seus pares lhes parece mais aproveitável. Numa metáfora não intencional para esses alunos, o pátio da escola lhes oferece a liberdade e a sala de aula representa uma prisão. Como não podem estar fora, com seus pares desfrutando da liberdade, permanecem na sala de aula apresentando comportamentos indesejáveis que podem gerar desde pequenos gestos de indisciplina até a violência nas suas mais variadas formas.

Ao se realizar uma análise cuidadosa do que tem acontecido nas escolas, percebe-se que o clima escolar não vem sendo muito favorável; afinal, não se pode deixar de considerar as diferenças ou desequilíbrios entre as condições daqueles que supostamente deveriam ser iguais. Normalmente, os ditos mais fortes subjugam os mais fracos, provocando fenômenos de assédio, hostilidades e maus tratos; é comum perceber-se em sala de aula, as piadinhas de mau gosto, as explorações em tarefas e atividades, enfim, um descompasso nas relações interpessoais.

Dessa forma vão surgindo os conflitos, dentro e fora da sala de aula, e que devem ser resolvidos no dia-a-dia em que aparecem.

Ortega (2002), afirma que:

> (...) entendemos o fenômeno do conflito como um processo reversível, ou seja, como um problema complexo, que nos mostra até onde as más relações interpessoais podem nos levar quando não se está consciente da

> natureza social, cultural e psicológica das relações interpessoais. Porém, por sua vez, é um fenômeno suscetível de sofrer intervenção com estratégias educativas não alheias à própria cultura escolar (ORTEGA, 2002, p.27).

Assim sendo, é importante procurar uma intervenção para resolver os conflitos através do diálogo; dessa maneira, as pessoas envolvidas acabam por melhorar o clima de convivência, prevenindo as atitudes violentas que podem desencadear-se se os conflitos não forem devidamente trabalhados. É muito tênue a linha que separa a indisciplina da violência.

3. Proposta de intervenção baseada em Fernández

Fernández(2005), apresenta uma proposta de intervenção, que classifica como:

> (...)uma análise das estratégias de atuação nos diferentes âmbitos educativos a partir de perspectiva eclética. Por eclética queremos dizer que, sem aderir a nenhuma teoria em particular, a proposta é analisar e atuar por conseqüência. Isso implica não rejeitar nenhum procedimento que possa ser considerado eficaz em sua adoção por esta ou aquela escola (FERNÁNDEZ, 2005, p.72).

Ela explica que a escola é um sistema e que a intervenção terá múltiplas facetas e que se deve fugir dos conceitos fechados que consideram as causas do problema de forma unilateral. A problemática escolar é complexa e deve ser abordada partindo dos diferentes âmbitos de atuação. A escola tem um importante papel na convivência e, por isso, há a necessidade de uma proposta social que possa favorecer as boas condutas, o respeito mútuo, a disciplina, o autocontrole, a responsabilidade e a correspondência de valores; o resultado final deve ser o clima social da escola.

Esse clima social favorável, baseado nas boas relações entre os envolvidos na comunidade escolar deve ser a aspiração de todos; trabalhar princípios de boa convivência é uma atitude que necessita ser praticada pelo grupo todo de professores e não por alguns apenas, isto é, todos devem adotar a mesma postura, pois se alguns professores tomam atitudes exemplares diante dos conflitos e outros, ao contrário, alienam-se dos conflitos, isso gera um clima escolar desajustado. Para se chegar a uma consciência coletiva diante dos problemas dos alunos, Fernández(2005) sugere adotar algumas alternativas, tais como:

> Tratar os problemas de convivência de forma preventiva e recuperativa das ações anti-sociais até onde seja possível, evitando as sanções a todo custo; iniciar uma proposta dos professores e dos alunos sobre um *modus operandi*; isolar o problema e tentar sancionar os alunos de má conduta de forma consistente; prestar a menor atenção possível aos casos de disciplina e tentar fazer com que cada professor o resolva isoladamente com seus próprios alunos (FERNÁNDEZ, 2005, p.74).

A proposta de intervenção sugerida por Fernández contempla cinco partes – conscientização, aproximação curricular, atenção individualizada, participação e organização – também classificadas como âmbitos de atuação que podem ser trabalhadas de forma total (considerada como nível ideal), parcial ou de forma isolada. Para se definir de que forma será trabalhado é necessário que os componentes dos diversos segmentos da comunidade escolar, conheçam muito bem sua escola.

Uma característica importante a ser considerada é que, a mentalidade dos membros da escola deve ser a de tratar os conflitos de forma preventiva; isto é,

> Conhecer e apresentar a possibilidade de implementar ações preventivas para a melhoria das relações interpessoais na classe e no centro de ensino significa começar a tomar consciência de que existe um problema que deve ser abordado junto à coletividade com caráter educativo e não somente punitivo (FERNÁNDEZ, 2005, p. 75).

Buscar ações que possam fortalecer a convivência escolar é um caminho que deve ser percorrido por todas as instituições de ensino. As situações de indisciplina e de todas as formas de violência passam, em um primeiro momento, pelas questões de convivência. Por isso o seu enfrentamento necessita ter um caráter educativo, preventivo e recuperador embasado em análise e questionamentos minuciosos da ação educativa e dos objetivos da instituição de ensino.

Para isso é necessário a cooperação de todos. Os conflitos se desencadeiam onde há convivência, por isso serão resolvidos com a participação de todas as partes. É atividade para múltiplas pessoas, não se destinando apenas a alguns.

Fernández (2005) afirma que “as escolas são um acúmulo de inter-relacionamentos de pessoas vivendo em um edifício e compartilhando experiências, tempo e esforços. Comunicar-se, cooperar, ser solidário é algo que, além de ser objeto de ensino, deve constituir a estrutura da vida escolar”.

Uma proposta de intervenção para a solução de conflitos deve abranger alguns níveis ou esferas de atuação:

1º) *Conscientização*: que envolve a coleta objetiva de dados, registro de incidentes, verificação de onde é necessário intervir.

2º) *Aproximação curricular*: onde se deve explicitar o “currículo oculto” como objetivo educativo.

3º) *Atenção individualizada*: quer dizer que, mesmo considerando-se a boa atuação dos professores, haverá um grupo de alunos, na classe, que necessita de um atendimento individual e isso deve ser considerado.

4º) *Participação*: A comunidade escolar precisa encontrar momentos, desculpas e caminhos que estreitem a convivência e que podem ser favorecidos com atividades de cooperação e participação.

5º) *Organização*: os aspectos mencionados anteriormente não se fazem por si só. Precisam estar apoiados por uma organização escolar que aceite as mudanças cooperando com elas e favorecendo momentos de encontros, revisão das formas de proceder.

Além disso, quando se fala de relações interpessoais, convivência e conflitos é necessário que se definam os objetivos e o planejamento de como os problemas serão enfrentados.

Sem esquecer que as classes são heterogêneas em relação à cultura, pensamento, formação familiar, comportamentos, ideologias, é imprescindível que se pense nas ações a serem implantadas, respeitando a essa heterogeneidade e preocupando-se sempre com a função da escola de promover o aprendizado de seus alunos. É necessário, em um primeiro momento, analisar e compreender os tipos de ocorrências com as quais se depara, avaliá-las e, em seguida, despertar uma consciência coletiva de que toda boa convivência se processa através de normas mínimas a serem seguidas por todos os participantes pois, somente assim, se criará um clima relacional justo em que as condutas anti-sociais e agressivas possam ser controladas e onde os limites próprios de toda convivência favoreçam a função educadora da escola (FERNÁNDEZ, 2005, p. 80).

Quando se pensa em normas de convivência não se deve desprezar o fato de que tudo aquilo que é imposto por alguns e que deve se cumprido por outros, é fonte geradora de conflitos. Afinal, para os adolescentes, em geral, é muito complicado apenas obedecer; sua primeira atitude normalmente é a transgressão ao que lhes é imposto.

Visando a prevenção e enfrentamento dos conflitos é necessário que se utilizem algumas estratégias com os alunos. Podem-se utilizar questionários para coleta de dados a respeito dos incidentes, bem como sua avaliação e elaboração de diagnóstico da convivência. Em relação às normas de convivência, é necessário discuti-las com os alunos, explicando-lhes que muitas, que dizem respeito à escola como um todo, fazem parte de uma legislação e, portanto, não podem ser desprezadas nem alteradas, mas as específicas de convivência devem ser pensadas e elaboradas por todos; dessa forma, criam-se pactos de convivência com princípios que favorecem ao cumprimento dessas normas mínimas necessárias ao bom clima relacional. Não se pode esquecer que criar normas juntos é um processo demorado, que requer bom senso, análise e reflexão, bem como o envolvimento do maior número possível dos membros da comunidade escolar, pois a convivência dentro da escola é algo que diz respeito a todos os seus componentes.

4. Análise da atividade de implementação ocorrida na escola

Em meados de agosto de 2007, iniciaram-se, por parte desta professora PDE, seus estudos sobre o tema, constituídos de leitura da bibliografia sugerida pela professora orientadora, participação em seminários e, ainda, em um Grupo de Estudos sobre a violência, *bullying* e indisciplina na escola: da compreensão à intervenção, promovido pela orientadora e realizado na cidade de Ponta Grossa entre os meses de agosto e outubro de 2007. Essa foi a base para se cumprir o objetivo do Programa de Desenvolvimento Educacional de que os professores participantes adquiram subsídios teórico-metodológicos que os levem a redimensionar sua prática educativa, contribuindo para a melhoria da escola em que trabalham e, conseqüentemente, da educação paranaense. Caracterizou, também, a preparação para a próxima atividade a ser desenvolvida: a proposta de implementação na escola.

A implementação, em um colégio do município de Jaguariaíva, ocorreu no primeiro semestre de 2008, através de reuniões, grupos de estudos, cine-fórum, palestras, debates, finalizando com um seminário com apresentações dos participantes. O principal objetivo foi a discussão do assunto, com a mobilização dos professores, direção, pedagogos e funcionários para a compreensão e levantamento de casos e situações ocorridos na escola.

Nos encontros, procurou-se colocar o embasamento teórico das questões, fundamentando-se em autores como: Aquino (2003), Chauí (2002), Fante (2005), Fernández (2005), Fortuna (2002), Freire (1997), Garcia (2006), Laterman (2000), Gadotti (2003), Gonçalves (2005), Götzens (2003), Tiba (1996), Tigre (2002), entre outros.

4.1 **Contextualização da escola**

O colégio onde ocorreu a implementação é um estabelecimento público estadual, localizado na área central do município. Funciona em três períodos: matutino e noturno com Ensino Médio e Educação profissional e vespertino, com Ensino Fundamental de 5ª a 8ª séries.

É o maior colégio do município e conta com cerca de 1600 alunos. O colégio é bem cuidado e incentiva seus alunos a participarem de grupos de dança, de teatros, de práticas esportivas. A área em que está localizado é basicamente residencial e tranqüila. Ao mesmo tempo, enfrenta o fato de grupos de outros bairros se fazerem presentes nos momentos de saída para provocar desordens. A escola conta com uma clientela de alunos que não passam por privações materiais básicas, mas, também, tem uma parcela de alunos carentes.

A escola possui 16 salas de aula, sala de estágio, salão nobre, cede uma sala para a Documentação Escolar, tem cozinha, refeitório, cantina comercial, banheiros para alunos, masculino e feminino, banheiros para professores e funcionários, masculino e feminino, sala de direção, sala de coordenação de curso, biblioteca, laboratório de informática, laboratório de ciências, sala de direção, salas para equipe pedagógica, sala de professores, quadra interna, ginásio de esportes, quadra de areia, estacionamento fechado para professores, estacionamento para motos dos alunos, jardim, vestiários e área para horta e estufa, atualmente desativadas. O corpo docente é formado por 87 professores e atuam 25 funcionários entre administrativos e operacionais.

4.2 Resultados das reuniões e encontros

Desde o momento da primeira atividade de implementação quando se apresentou o trabalho desenvolvido até aquele momento pela professora PDE,

quando se apresentou também, em que consistia o Programa de Desenvolvimento Educacional, quais seus objetivo e metas e o tema que viria a ser discutido, houve grande interesse por parte dos professores em participar.

Afinal, os problemas de disciplina (sua falta) afetam a aprendizagem dos alunos, o trabalho do professor e preocupam a todos e, num momento ou em outro, acabam surgindo.

> A realidade escolar cotidiana mostra que, mesmo com a aplicação de formulações preventivas, os problemas de comportamento acabam surgindo. Isso não significa o fracasso deste tipo de formulações, mas sim a evidência do emaranhado das relações interpessoais no seio de grupos dotados de um destino e um propósito comuns; sua escolaridade e os processos de ensino-aprendizagem que a configuram (GOTZENS, 2003, p. 75).

Diante da vontade e interesse dos professores em discutir o assunto, levantar questões, expor dúvidas, desenvolveu-se o trabalho resultando em amplo material escrito e dados levantados.

Expor, de forma detalhada tudo o que foi discutido e levantado nos oito encontros realizados, tornar-se-ia muito extenso. Assim sendo, optou-se por uma síntese dos aspectos relevantes provenientes das discussões.

A análise dos encontros possibilitou destacar os seguintes pontos:

- muitas reclamações dos professores quanto à indisciplina e falta de motivação por parte dos alunos;
- reconhecimento de palavrões e insultos de alunos para com professores e funcionários;
- professores e funcionários desconheciam o termo *bullying*, mas já perceberam situações em sala de aula que poderiam ser caracterizadas com tal;
- já houve casos pontuais de depredação da escola, de porte de arma branca;
- expressão das dificuldades dos professores em trabalhar com os conflitos ocorridos em sala de aula, mediante a falta de conhecimento para isso;
- expressão da vontade de saber mais sobre os acordos pedagógicos para colocá-los em prática;
- reconhecimento da necessidade de introduzir mudanças em suas práticas pedagógicas e, ao mesmo tempo, a dificuldade em fazê-lo;
- queixas quanto ao não comparecimento dos pais nas reuniões e em situações que necessitam de sua presença;

- falta de união entre os professores, a fim de que todos tomem a mesma postura diante dos inúmeros problemas levantados.

Esse processo de implementação permitiu discutir e levantar essas e outras questões. Permitiu, também, que surgisse a vontade de procurar mudanças. Durante o segundo semestre, vários professores iniciaram com algumas modificações em suas práticas e relacionamento com os alunos, e já detectaram melhoras em suas aulas, com casos de indisciplina que antes ocorriam, deixando de acontecer.

Na semana pedagógica de julho, essa discussão foi reforçada pelo material de capacitação enviado pela SEED. Ali se colocavam os Desafios Educacionais Contemporâneos como temas importantíssimos a serem abarcados pelas disciplinas trabalhadas tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio. Dentre esses desafios encontra-se a *violência*. Discutir esse tema e, principalmente formas de enfrentá-lo e preveni-lo, melhorando a convivência entre os alunos e toda a comunidade escolar, é de fundamental importância para a educação.

Cabe aqui refletir profundamente sobre as palavras de Cleo Fante:

> A intolerância, a ausência de parâmetros que orientem a convivência pacífica e a falta de habilidade para resolver os conflitos são algumas das principais dificuldades detectadas no ambiente escolar. Atualmente a matéria mais difícil da escola não é a matemática ou a biologia; a conivência, para muitos alunos e de todas as séries, talvez seja a matéria mais difícil de ser aprendida (FANTE, 2005, p.91).

Considerações finais

Constantemente ouvimos da mídia em geral, as diversas situações de violência que acontecem nas instituições escolares e que deixam a todos estarrecidos.

E o que parece ainda pior neste cenário, é que passado o susto com os atos acontecidos, tudo volta ao normal. A maioria das pessoas acaba absorvendo os fatos como “naturais”, isto é, a violência faz parte do dia-a-dia e as escolas configuram-se como um espaço a mais em que as pessoas transitam e se expõem às suas conseqüências.

Porém, para aqueles que estão no centro dos acontecimentos, nada disso é normal, natural. Professores, funcionários, alunos, pais, sentem-se oprimidos diante das manifestações de violência e seus efeitos.

A violência, em todas as suas formas, assusta, incomoda, deixa “rastros” que não se apagam facilmente.

Às vezes a escola não vivencia atitudes extremas de violência, mas convive com suas ramificações: indisciplina, incivilidade, bullying.

O que se percebe é que todos esses aspectos passam pelas relações interpessoais que se desenvolvem no interior da escola. É fato que esse aspecto, isoladamente, não dá conta de resolver o problema, nem é o responsável pelos conflitos acontecerem. Mas, sem dúvida alguma, o clima escolar que resulta dessas relações propicia os acontecimentos tanto positivos, quanto negativos.

Colaborar para que esse clima seja o mais favorável possível é tarefa de todos. A família também não pode abrir mão de sua função formadora, educadora. Precisa estar atenta, amando e acompanhando seus filhos e, principalmente, colocando-lhes os limites necessários para que cresçam como pessoas saudáveis, capazes de conviver com seus semelhantes dentro da grande diversidade que compõe os grupos humanos.

O quadro de conflitos escolares que a mídia vem apresentando constantemente mostra uma escola, muitas vezes, sob o domínio do medo. As “pequenas e inofensivas travessuras” que sempre fizeram parte do cotidiano escolar evoluíram e seu caráter inofensivo desapareceu. As indisciplinas têm sido planejadas com o intuito de desestabilizar o professor e atrapalhar a aula. As agressões entre alunos e destes com professores têm se intensificado de maneira assustadora.

Diante desse panorama, é necessário estudar, analisar, dialogar, verificar o que pode ser feito, enfim, procurar caminhos para conter, enfrentar, reverter e prevenir esse quadro. Esse é o desejo de professores, diretores, pedagogos, funcionários, pais, enfim, de todos aqueles fazem parte do universo escolar.

Não se pode deixar a escola perder a sua identidade e nem cruzar os braços esperando que os conflitos se resolvam por si mesmos ou acreditando que os alunos que causam os conflitos não têm mais jeito, que são inaptos ou que serão desajustados para sempre.

É necessário que a escola e toda sua equipe repense seus ideais e idéias, lembrando que o ser humano precisa estabelecer boas relações de convivência e

que daí virá um clima escolar saudável e favorável à aprendizagem e ao desenvolvimento das potencialidades de cada um.

Diante do fenômeno tão intenso da violência nas escolas e a polêmica de como enfrentá-lo, pois, origina-se em vários contextos, tem-se a consciência de que este trabalho é insuficiente na abordagem da temática, mas espera-se poder contribuir para que o problema seja discutido, analisado e enfrentado, buscando soluções eficazes para os mesmos, de forma a garantir que a escola possa ser um local seguro e saudável de aprendizados, de convivências e de crescimento pessoal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Julio Groppa. Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas. São Paulo: Moderna, 2003.

_____, (Org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. 2. Ed. São Paulo: Summus, 1996b. p. 39-55.

CHAUÍ, Marilena. **Filosofia**. Série Novo Ensino Médio. São Paulo: Ática, 2002.

FANTE, Cleo. **Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campina – SP: Verus, 2005.

FERNÁNDEZ, Isabel. **Prevenção da violência e solução de conflitos:** o clima escolar como fator de qualidade. São Paulo: Madras, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FORTUNA, Tânia Ramos. Indisciplina escolar: da compreensão à intervenção. In: XAVIER, Maria Luisa Merino (Org). **Disciplina na escola**: enfrentamentos e reflexões. Porto Alegre: Mediação, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1997.

GARCIA, Joe. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, n.95, jan/abr.1999. p. 101-108.

_____, Indisciplina, incivilidade e cidadania na escola. Artigo publicado em 27/12/2006.

LATERMAN, Ilana. **Violência e incivilidade na escola**: nem vítimas nem culpados. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: ensinar e aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GONÇALVES, Maria Augusta S. Violência na escola, práticas educativas e formação do professor. IN: Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 126, 635-658, set./dez. 2005.

GOTZENS, Concepción. **A disciplina escolar**: prevenção e intervenção nos problemas de comportamento. Trad. Fátima Murad. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

TIBA, Içami. Disciplina: o limite na medida certa. São Paulo: Dente, 1996.

TIGRE, Maria das Graças do Espirito Santo. **Violência na escola: representações dos sujeitos envolvidos.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa – PR, 2002.